

política

Editora: Paula Coutinho
politica@jornaldocomercio.com.br

Parecer da indicação de Messias ao STF é lido na CCJ

Sabatina e eleição foram antecipadas para dia 28 de abril no Senado

/ SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

O parecer do senador Weverton Rocha (PDT-MA), sobre a indicação do Advogado-Geral da União (AGU) Jorge Messias para uma vaga ao Supremo Tribunal Federal (STF), foi lido ontem na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado.

Um pedido de vista coletivo foi concedido e a sabatina e eleição do indicado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foram antecipadas para o dia 28 de abril. Antes, a previsão era realizar a sessão no dia 29. Porém, como há um feriado na semana, os senadores decidiram antecipar a data para garantir maior quórum.

A votação foi marcada quase cinco meses após o anúncio do nome que deve substituir a vaga no STF deixada pelo então ministro Luís Roberto Barroso. A demora se deveu a resistência de parte dos senadores ao nome de Messias, em especial, o presidente da casa, senador Davi Alcolumbre (União-AP), que defendia o nome do senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG) para ocupar a vaga no STF.

Ao ler o parecer, o relator Weverton Rocha destacou a atuação de Messias na AGU foi marcada



Jorge Messias é o atual titular da Advocacia-Geral da União

pelo seu perfil conciliador e de diálogo com diferentes setores da sociedade. “Sob sua liderança, a AGU posicionou a conciliação como uma política de Estado, priorizando a segurança jurídica por meio da realização de acordos judiciais e extrajudiciais”, escreveu Weverton.

O relator lembrou toda a carreira acadêmica e profissional do indicado, afirmando que a gestão dele na AGU priorizou a estabilidade fiscal, “com o Comitê de Riscos Fiscais Judiciais reduzindo em R\$ 1,25 trilhão os riscos nos três primeiros anos, articulando AGU, Fazenda e Planejamento. Houve corte

de 37,5% nos precatórios para 2027 (economia de R\$ 27 bilhões)”.

A senadora Eliziane Gama (PSD-MA) elogiou a indicação do presidente Lula e destacou que Messias é uma pessoa “extraordinária”. “Para além dos requisitos básicos, para integrar a Suprema Corte, que é o profundo saber jurídico, uma reputação ilibada, quero destacar aqui a postura dele como um homem de família, um homem cristão, um homem que tem uma visão, de fato, humana muito intensa, tem uma perspectiva de Brasil, de fato, muito grande”, disse a senadora.

Flávio registra 42% contra 40% de Lula no 2º turno



Pesquisa Genial/Quaest divulgada ontem mostra que o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) ultrapassou numericamente o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na simulação de segundo turno. O filho do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) registrou 42% de menções no cenário, e o petista, 40%.

Embora o senador esteja numericamente à frente do presidente, os índices apontam para empate técnico dentro da margem de erro do levantamento, de dois pontos percentuais para mais ou para menos. Em um segundo turno entre os pré-candidatos do PL e do PT, 16% afirmam que votariam branco ou nulo, enquanto 2% estão indecisos.

Ainda de acordo com o levantamento, Lula lidera as intenções de voto no primeiro turno. O petista venceria os demais cenários de segundo turno testados pela pesquisa.

No cenário estimulado, quando as opções de voto são apresentadas ao entrevistado, Lula aparece com 37%, seguido por Flávio Bolsonaro, com 32%. Os pré-candidatos do PT e do PL polarizam a disputa, deslocando-se da intenção de voto dos demais candidatos.

Ronaldo Caiado, do PSD, aparece com 6%. Ele está em empate técnico com o ex-governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), com 3%, com Augusto Cury, do Avante, com 2%, e com Renan Santos, da Missão, que registra 2%. Entre Caiado, Cury e Renan, o empate técnico ocorre no limite da margem de erro.

Cabo Daciolo (Mobiliza) tem

1%, assim como Samara Martins, da UP. Aldo Rebelo (DC) não pontuou. Brancos e nulos somam 11%, e 5% estão indecisos. Na pesquisa espontânea, quando o entrevistado declara a preferência de voto sem ser apresentado às opções do pleito, Lula registrou 19%, seguido por Flávio, com 13%. Outros candidatos somaram 5% de menções. O ex-presidente Jair Bolsonaro, em prisão domiciliar e inelegível, teve 1% de citações. Na espontânea, 62% dos entrevistados se declaram indecisos.

A pesquisa Genial/Quaest ouviu 2.004 brasileiros de 16 anos ou mais em entrevistas a domicílio entre os dias 9 e 13 de abril. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos, enquanto o índice de confiança é de 95%. O levantamento está registrado no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) com o número de identificação BR-09285/2026.



Repórter Brasília Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Janela partidária redesenha forças

A movimentação da chamada janela partidária, período de 30 dias em que deputados podem trocar de legenda sem risco de perder o mandato, redesenhou o equilíbrio de forças na Câmara dos Deputados e já projeta os caminhos da disputa eleitoral.

Fortalecimento da direita

O senador gaúcho Luis Carlos Heinze (PP, foto) é de opinião que “a janela partidária confirma uma tendência esperada: há um fortalecimento da direita, com o PL ampliando sua bancada e se consolidando como maior força na Câmara. É um movimento positivo”.



Não muda o jogo, mas o deixa mais claro

Ainda assim, na avaliação do senador progressista, “não há mudança relevante no equilíbrio do Congresso Nacional, que segue fragmentado e a governabilidade seguirá dependendo de articulação política, independentemente do tamanho das bancadas. No cenário eleitoral, a troca de cadeiras reforça a polarização e consolida a perspectiva de segundo turno entre Lula e Flávio Bolsonaro. Não muda o jogo, mas o deixa mais claro”.

Novo mapa no Parlamento

Com base nos dados divulgados pelos próprios partidos, o PL ampliou sua liderança e chegou a 96 deputados, mantendo-se como a maior bancada. O PT preservou seus 67 parlamentares e segue na segunda posição. O União Brasil perdeu força, caiu para 51 cadeiras, mas permanece como a terceira maior bancada.

Câmara mantém seus 513 deputados

Na sequência, o PSD avançou e alcançou 49 deputados, assumindo a quarta posição. O Progressistas recuou para 47 parlamentares, enquanto o Republicanos ficou com 43. O MDB teve leve redução; e o Podemos, apesar de registrar perdas, reorganizou sua bancada em torno de 27 deputados. Ao todo, a Câmara mantém seus 513 parlamentares distribuídos em 20 partidos.

Equilíbrio político

Apesar das trocas, o eixo central de poder pouco se altera. O Congresso segue fragmentado, com forte peso do centro político e do chamado centrão, que continua decisivo para a formação de maiorias e para a governabilidade.

Interesses regionais e nacionais

O avanço do PL reforça o campo da direita, enquanto o PT mantém sua base estável. Já partidos como União Brasil, PSD, PP e Republicanos seguem como peças-chave de articulação, com capacidade de transitar entre diferentes blocos conforme interesses regionais e nacionais.

Impacto nas eleições

As mudanças têm impacto mais estratégico do que estrutural. Deputados buscaram legendas com melhores condições eleitorais – seja por maior acesso ao fundo eleitoral, tempo de TV ou alianças estaduais mais competitivas. Esse movimento tende a fortalecer partidos com maior capilaridade e recursos, influenciando diretamente a montagem de chapas e a distribuição de candidaturas viáveis, especialmente nas disputas proporcionais.

Rumo das forças políticas

Até as eleições, a tendência é de consolidação de três eixos: direita organizada, com protagonismo do PL e alianças regionais robustas; campo governista, liderado pelo PT buscando ampliar base e reduzir rejeição; centro pragmático, formado por partidos que devem manter papel de fiel da balança, negociando apoio conforme o cenário.